

Natimortos

Dói-me os olhos aos expô-los contra o sol, meu único hábito nesta prisão. Quando jovem, ao fazê-lo, era por vaidade; hoje em dia, somente aprecio a cegueira. Da janela retangular, emoldurada por paredes tão negras e sujas quanto eu, contemplo os dias transeuntes e as noites morosas. Gosto daqui. Houve época em que acharia este um péssimo lugar para dormir durante uma hora. Acabei por considerá-lo confortável, bom para os mínimos lazeres, e me alojei tal como um cupim num livro velho: escavando enquanto me alimento. Uma larva sob a pedra. Soa-me bem, muito bem.

Com minhas roupas fiz estandartes da minha pobreza e, heroicamente, desfraldei-os na janela para atrair as moscas e esboçar minha ridícula liberdade. Instalei-me em todos os espaços de meu cárcere, várias vezes. Conheço-lhes cada particularidade e refúgios tão bem quanto a minha reminiscência. Passo o tempo todo cultivando pequenas árvores que nunca crescem, talvez, pela falta de sol. Estou propenso a crê-las mortas, mas contínuo a regá-las, por teimosia.

Vejo as sombras das nuvens movendo-se por sobre meu esconderijo. Não me apetece sair. Tenho tudo o que preciso para um fim nobre. Verdaderamente nobre. Mentiria se dissesse que não guardo rancor; de fato, eu não guardo mesmo. Confirmar este absurdo seria reiterar uma guerra insólita da qual sempre serei o desprezado. Isso não ocorre em razão de minha cor de carvão, da sujeira de espírito ou das deformidades de meu corpo. Não é isso, pois, se eu fosse saudável, as coisas não teriam sido diferentes. Aos homens de bem só é lindo o que é desfigurado, pois eu teria voz retumbante, posto que sofresse de gagueira, se minhas pernas de coxo falassem lindas poesias; seria amado se concordasse minha corcunda com os ditames da sociedade; invejariam meus olhos caídos se não me restringisse ao que é belo e verdadeiro. Procuram originalidade nos mesmos caminhos, enquanto eu, negro, disforme e fedorento, perdia-me em labirintos obscenos.

Outros e eu planávamos na noite e desdenhávamos o céu que nos engolia. Criávamos as nuvens, os anjos negros e corpulentos, santas aladas e nuas, trazíamos o inferno em nossas orações. Como sombras a deslizar no negror da noite, escutávamos

óperas onde só havia silêncio e escuridão. Víamos as erupções no sol sem nos cegar. Vivíamos a poética libertinagem, eu e meus companheiros, sem nos preocuparmos. Foi então que o mundo nos descobriu e cerrou-nos em seus calabouços. Torturam-nos com seus discursos rígidos, quebradiços; mas foram seus deuses, seus cânones, que nos afastaram do que acreditávamos e sugaram nossa alma imperfeita até que a houvessem secado. De cultura e aprimoramentos superiores, nossas fantasias e sonhos mais distantes não passavam de uma vela acessa à orla do universo. Fomos desterrados de nossa própria dimensão, arrancados de nossa imaginação e destinados ao esquecimento, por não termos conseguido nos igualar a quem nos criou órfãos. Ria de nós a natureza que nos fizera criativos. Igual a Ícaro, em voo desastroso, queimaram-se nossas asas em plenas alturas. No chão de rochas, quebraram-se os ossos.

Deixamos de existir e o tempo soterrou-nos Meus estandartes tremulam. Dou de beber aos arvoredos. O sol ainda me queima os olhos, e bem sei que nunca poderei atingi-lo. Nunca lerei o céu do mesmo modo que ele me lê, porque sou o vazio do mundo, o espelho de suas fraquezas... a dor de sermos humanos.

SÚMULA BIOGRÁFICA DO AUTOR

Marcelo Ávila Marques Kuhn é natural de Porto Alegre e escritor autodidata, interessado por obras clássicas da arte antiga e contemporânea. Como ele mesmo se autodefine, tornou-se, muito cedo, um cinéfilo especialmente de filmes clássicos de ficção e terror, que, juntamente com a prática de leitura, estimularam-no a criar histórias. É autor do livro *Fim de Toda Existência – Prelúdio do Fim e Outros Escritos*, que engloba textos em prosa e poesia sobre terror e filosofia, abordando com certa constância a dualidade vida e morte. Mantém o blog *Cantos da Subversão*, no qual discorre a respeito de arte, cultura e questões sociais.